

O Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário * 17 de Janeiro de 1987 * Ano XLIII — N.º 1118 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Quando se quer... Quando se ama...

Quando se quer, faz-se. Pode não ser tudo, mas faz-se o melhor. Quando se ama a sério, damos o que temos, até a própria vida. Foi o que aconteceu com aquela viúva, ainda nova em idade, que nos apareceu, dois dias depois da Festa do Natal.

Trazia consigo um pequeno de 10 anos, filho de pais incapazes. O cabelo desgrenhado e comprido; a cabeça suja por há muito tempo não «ver» água nem sabão; os farrapões que lhe cobriam o corpo; a

cara meiga e amarelecida e magra pela fome que passava; tudo apontava para a Casa do Gaiato como solução.

Mas temos a Casa cheia... E nesta ocasião surgiu a pergunta espontânea: «Porque não fazem mais Casas do Gaiato?» Sim. Eram precisas mais Casas do Gaiato. Que falta? Apenas faltam braços e mais nada! Mais nada! Há todo o resto. Só um, dois, três ou mais corações.

Mas temos a Casa cheia... E não poderia a senhora tomar

conta dele ou outra pessoa lá da comunidade paroquial, que nós ajudaríamos? Que bom! Ficaria melhor do que em nossa Casa; e mais um problema resolvido.

A mulher olhou para o pequeno e olhou para mim e despediu-se. Voltou poucos dias depois. O pequeno trazia o cabelo cortado e a cabeça lavada. A cara era outra. Os olhos eram outros. Tudo ria naquela criança.

«Resolvi ficar com ele, por agora, até ver se sou capaz», disse. «Quando for grande, não sei», continuou.

Pronto. Está o problema resolvido. Hoje mesmo vamos comprar um divã para ele dormir na sala, que quarto não há. Já levou roupa e calçado. E vamos ajudar na comida, que aquela viúva é pobre e tem mais filhos. Mas tem um coração de mulher onde cabe mais um! Ora aqui está um exemplo muito concreto de como temos que fazer quando queremos e podemos e amamos.

Padre Manuel António

Outro livro de Pai Américo

«NOTAS DA QUINZENA»

Após esta edição de O GAIA-TO expediremos o livro *Notas da Quinzena* — de Pai Américo — para os assinantes da Editorial e outros Amigos que, entretanto, o requisitarem.

O Oliveira, «Piascas» e «Piasquinha» cortaram, na guilhotina, a cartolina para a capa da obra, cuja impressão decorre na offset.

Como referimos na penúltima edição, temos já, para revisão, as provas de mais uma obra de Pai Américo: *De como eu fui...* «Recolha de textos recheados de pitorescas descrições, enriquecidas pela sua acuidade de observador que não perdia acontecimentos que a muitos escapariam...»

Assim o *Notas da Quinzena*: «trezentas páginas de leitura séria» — como Pai Américo sublinha e muito bem.

Os nossos Amigos preparem a alma para o *Notas da Quinzena*; uma presença viva, actualíssima, de Pai Américo no ano centenário do seu nascimento — que ora desponta.

Para nós outros, filhos que somos da sua paternidade espiritual, os 15 livros já impressos e quantos aguardam o preto no branco — não são poucos! — desfiem um diário que testemunhámos em grande parte; agora mais intensamente, pois a distância do tempo, no Tempo, dá mais sabor, mais riqueza a tudo quanto saíu da veia profética de Pai Américo.

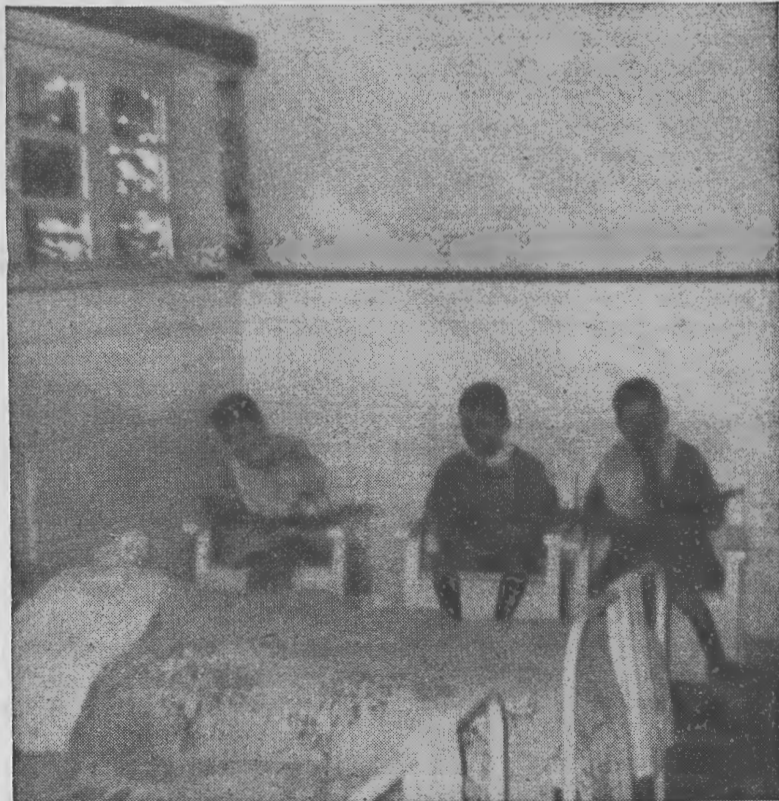
Nos últimos anos de vida — recordamos — pela idade, pelo cansaço de tanto peregrinar..., mandava-nos sentar à mesa e ditava, pausadamente, com pontuação e tudo o mais!, as notas que brotavam da alma, do coração — qual instrumento do Espírito Santo. Escrevia como falava. Exactamente!

Mais: Quando a natureza do tema exigia, parava um tudo nada, comentando graciosamente: — *Aqui, tenho que pôr os meus punhos de renda...*

Horas que jamais esqueçamos!

Júlio Mendes

Calvário



Uma imagem do Calvário — menina dos olhos de Pai Américo. «O Calvário é um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção.»

Está fria esta manhã de Inverno. Não admira, pois estamos em Dezembro. Procuo agasalhar-me para a viagem. Acautelo o guarda-chuva, que as névens cinzentas ameaçam. Início a caminhada. O nevoeiro serrado não permite rapidez.

Passadas as dificuldades tráficas do Porto, deslizo mais à vontade pela estrada, até porque o nevoeiro desapareceu. Sigo em direcção ao sul. Atravesso S. João, Azeméis e entro nas curvas verdes que levam ao nascente. Tornear montes é o prego de quem se aventura por estes sítios. Mas, a cada curva do caminho, aguarelas novas e sempre deslumbrantes vão-se sucedendo. É uma tentação olhar para o lado. Mas as curvas traiçoeiras nem sempre o permitem. Vales profundos, escondidos sob as copas frondosas e espessas dos pinheiros e eucaliptos, matizam-se com o amarelo das carvalhas. Ramadas, quase despidas, circundam os campos macios

e lêvedos das águas das chuvas. Vale de Cambra, largo e imponente, vai-se preenchendo com a vila do mesmo nome. Construções modernas brigam com as antigas. A paisagem também é agredida, mas as exigências de hoje não olham a isso.

Continuo a viagem, que o meu destino fica mais longe. Subo encostas. Torno às curvas da estrada. Passo lugarejos. E chego, por fim. Tenho de me servir de um transeunte para inquirir.

— Olhe, é quase no fundo daquele beco, num portão de ferro.

Sigo as instruções. Junto ao portão chamo pelos donos da casa. Parece não haver ninguém, tal o silêncio. Por detrás das grades de ferro diviso um quinteiro largo, em terra batida. A circundá-lo uma casa de pedra de dois pisos, servida por uma escada igualmente em pedra. A cor da pedra, o desgaste dos degraus, o carcomido das portas falam de construção já muito antiga. Chamo de novo. E eis que

surge no pátio térreo o espectáculo mais insólito, mais incrível, até porque estamos em Dezembro, nos rigores do Inverno. Pergunto-me a mim mesmo se estarei a sonhar ou acordado. Mas a verdade está aqui na minha frente:

Um rapaz, com cerca de trinta anos, anormal, microcéfalo, completamente nu, dos pés à cabeça. Um arripio de frio percorre-me o corpo todo. Tento abrir o portão. Está fechado. Ensaio conversa. O rapaz não diz nada. Não parece entender nada. Olha-me curioso. E eu também. A testa quase não existe. Os olhos muito grandes estão meio escondidos pelos cabelos. O nariz longo percorre a face e dá com os lábios grossos e descalfados. A pele do rosto, dos braços, do peito, das pernas e dos pés bronzeada pelo sol e pelo ar da serra, diz que deve ser ela a única veste que o cobre há muito tempo.

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

DESPORTO — Para festejarmos o centenário de Pai Américo, surgiu a ideia de realizar um torneio de futebol entre as Casas do Gaiato. Será uma maneira dos rapazes das diferentes Casas jogarem o futebol com o coração da convivência.

Já assentámos ideias e teremos as coisas em andamento, com um presidente (escolhido) do grupo desportivo — sou eu — e um vice-presidente, o «Patinho», chefe-maioral.

Nos últimos tempos temos recebido grupos para conviver e jogar, um pouco, o futebol. Realçamos um empate dos maiores, a três bolas, com uma equipa do Areiro, Coimbra. Outro jogo, realizado pelos mais novos, com um grupo da Telescola de Rio de Vida, aqui perto. Resultado: 11-0.

AZEITONA — As oliveiras ficaram carregadas de azeitonas. Tarefa trabalhosa! O tempo ajuda na colheita.

A primeira azeitona foi para a conserva. Outra, do mesmo modo, para retalhar: três cortes na azeitona, guardada em água e alho.

A restante foi varejada para, no lagar, a transformarmos no delicioso azeite que brilhou nas batatas da consoada.

VACARIÁ — O «Pinóquio» tem aqui muito trabalho: Fornecer alimentação, limpar os currais e tirar o leite. O «Casaco» lá o acompanha, também marcado neste serviço.

— Isto dá muito trabalho...!, desabafa o «Pinóquio» que durante muitos anos deu o seu afecto aos mais pequeninos. Estes ainda o agarram pelas mãos e as calças exigindo mimos sem cessar!

NOVO PADRE — Anunciamos a entrada de um novo Padre — da Diocese de Coimbra — ao serviço da Obra da Rua.

Como era desta zona, perguntámos: — Vem para esta Casa?!

Agora, anda de Casa em Casa para melhor conhecer a Obra e adaptar-se ao ambiente. Já nos preparou um encontro espiritual. É o Padre Cristóvão que, como já nos disse, procurou, pediu e sentiu-se feliz em servir os mais pobres na Obra da Rua. Um dom de Deus, a que temos de dar graças.

Guido

Setúbal

FUGITIVOS — Dois irmãos que fugiram, regressaram. Têm por alcaidinha os «Macaquinhos».

O mais velho já há muito fugira e agora foram estes dois. O Carlinhos é reincidente, mas o Paulinho não.

São dois algarvios. Andavam sujos, esfomeados, por Setúbal. Mas a missão das Casas do Gaiato é educar, «fazer de cada rapaz um homem». Se agora, enquanto pequenos, não aprendem a ser alguém para a vida, quando o poderão ser, andando por aí na vadiagem?

Diante de todos prometeram não mais fugir; mas o Carlinhos lá foi, outra vez, «dar à solta»! Pergunto: — E agora?!

CARLOS MANUEL — Um rapaz já bastante evoluído, com certas maneiras de estar na vida, foi embora. Recebera a visita de uns tios e como palavra puxa palavra, levaram-no.

Quando os rapazes ainda são pequenos e dão muitos encargos, ninguém os leva. Depois, vêm com palavras mansas, cativando-os com promessas que muitas vezes são falsas.

Ele andava na Telescola. Distribuía O GAIATO. Enfim, tinha qualidades...

DESPORTO — A nossa equipa de futebol teve, em Novembro e Dezembro, um calendário sobrecarregado.

Vencemos o Cajados por 4-0. Num torneio em Zambujal, contra o Gâmbia, perdemos por 2-0. Em nossa Casa, em retribuição da nossa deslocação, vencemos o Cajados por 7-1. Num torneio, em Cajados, vencemos o primeiro jogo, após as grandes penalidades, com a equipa de Cajados. No dia seguinte, na final, vencemos a Cavam por 3-1, obtendo o primeiro lugar.

Jogámos também com o Cabanas, em nossa Casa, e vencemos por 6-4. Para terminar, também ganhámos a um grupo de jovens convivas de Setúbal por 6-4. Jogou a equipa mais jovem.

Os leitores continuem a ajudar a renovar os nossos equipamentos. Escrevam para a Casa do Gaiato — 2900 Setúbal.

Martinho

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O homem *desaparece* e deixa seis filhos — dos 15 meses aos 8 anos — nos braços da pobre mulher. — *Tenho 8'os criar. São meus!* É Mãe.

Não se queixa do marido. Nem uma palavra! Só vê os filhos!

— *Faço o que posso. Trabalho do nascer à pôr do sol. Mas não chega...*

Ela é naturalmente rude. Transparece a rudeza dos campos: «*Faço o que posso, do nascer à pôr do sol.*»

Suprimos o necessário. Assim procedemos com outras sacrificadas. Particularmente as Viúvas que levam a cruz até ao fim; até criarem os filhos com *asas para voar.*

PARTILHA — Um maná celeste! Prendas de Natal para os presépios vivos, dos tempos que correm. Não há freguesia que os não tenha... Mais: por quantos deles passamos, todos os dias, sem dar fé! Tanto assim que um velho Amigo, do Porto, nos afirmou, recentemente, alto e bom som, que a maior e melhor comemoração do centenário de Pai Américo seria motivar todas as freguesias a cuidar dos seus Pobres.

A *procissão* abre com a assinante 6790. Depois, o assinante 11247, de

Cabeceiras de Basto. «*Um casal de velhotes*» (assinantes 24481), do Porto, mandam um cheque. Assinante 26406, de Vila Real, outro. «*Avó de Sintra*», idem. Santa Cruz do Douro (Baião), presença regular — e tão boas notícias! Assinante 23618, da capital. «*Óbulo da Viúva*», de Odivelas, em carta registada: «*Pequeno donativo, mas neste momento não posso mandar mais.*»

Vales de correio: de Maria Amélia (Lisboa) e assinante 27063. Presenças daquela Amiga, do Porto, que por aqui passa como um meteoro: «*por alma de Germano*», outra «*por alma de meus pais*». E regressa feliz à capital do Norte.

Rua Alexandre Ferreira, Lisboa, «*pequena oferta para a Viúva mais necessitada*». 500\$, no Espelho da Moda. O dobro do assinante 13519. Várias remessas do assinante 11902, do Fundão. «*Modesta ajuda*» da assinante 12313. «*Migalhas dadas com todo o amor*», da assinante 29929. «*Uma portuense qualquer*» não falha! Idem, a assinante 19177. A «*habitual contribuição*» da assinante 26471. Um(a) anónimo(a), de algures, com um recado discreto, «*confidencial: para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa*». Tem cara de Porto... Se não for, que nos perdoe. O dobro, de Umbilo, Durban (África do Sul). Vale de correio da assinante 32436 — Venda Nova (Amadora). Um discípulo da extinta Escola Comercial Mouzinho da Silveira (belos tempos!), aparece sempre por esta época. Assim, matamos saudades! E revivemos as *recovagens* junto dos Pobres, naquela época. «*Para uma mãe aflita*», cinco notas da assinante 40357, da Cruz Quebrada. Uma encomenda, muito proveitosa, de Valença. Um sacerdote de Braga (que

aparece, sempre, na hora H) testemunha o Mandamento Novo com os olhos no presépio dos Pobres — imagem de Cristo. Remessa habitual, de Vilar. Assinante 33147, de Balteiro, Meixedo, comemora o Natal sem esquecer os Pobres.

Mais Porto: assinante 36082 traz uma «*migalhinha*» nas mãos e implora ao Senhor pelas suas filhas — «*que precisam tanto que o Divino Espírito Santo as ilumine*». É assim, nas igrejas domésticas! Cheque, de Lisboa, com um pedido: «*Não vale a pena acusar recepção, os Correios são caros*». Temos, agora, novo aumento de taxas!

Beco da Carqueja, Coimbra, mais um cheque e afirma convictamente: «*O que dou é minha obrigação*». O Reino dos Justos — na terra e no Céu! «*Pequeníssima oferta*», da assinante 30217, da capital. Sublinhamos, intencionalmente, os gestos de Humildade porque são Luz da Graça de Deus.

Peniche: assinante 5241, braço-dado ao marido, leva um cheque nesta discreta *procissão*. Carta espumante, de Thuringer (Alemanha Federal). Outro casal, de Santarém, expede um vale de correio, sente-se «*feliz e agradece a Deus dar-nos, nesta quadra de Natal, tão querida aos nossos corações, a possibilidade de aliviar um pouco as muitas necessidades dos Pobres*».

Alto lá! Presença de «*um doente crónico*», de Lanheses, cujo sofrimento — e o mais — aplica em favor dos Pobres. Doutrina do Corpo Místico de Cristo. Outro cheque, do Porto, pela mão da assinante 26578. Mais outro, da assinante 9983, de Aveiro, que «*gostaria fosse empregado num velhinho*». E é! Maria do Rosário dá mil «*para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*» e suplica: «*Aplicai essa insignificância num caso mais preciso*». Agora, a assinante 9059, de Coimbra — *tarimba* de Pai Américo — com a remessa habitual, em época de Natal. Não falha!

Especialmente para os casos referidos, ultimamente, neste *diário* dos Pobres: Um cheque, *repolhudo*, da assinante 31104, cujos sinais de *contradição* testemunham, ao vivo, o Dedo de Deus. Outro, de Esteves da Vilarça, com discreção e oportunidade: «*Não precisam de agradecer*». Idem, da assinante 28084, de Ovar. Idem, da assinante 12867. E vales de correio: de Etelevina, Poças do Vouga, Vilar Formoso e Porto.

Retribuímos, calorosamente, votos de santo Ano Novo. E agradecemos, em nome dos Pobres. Muito obrigado!

Júlio Mendes

Paço de Sousa

RETIRO — A malta mais velha fez um Retiro, nos dias 18, 19 e 20 de Dezembro, no Marco de Canaveses.

Uma oportunidade para nos aproximarmos de Deus.

Os mais novos, entre os 16 e 17 anos, também fizeram o seu Retiro no mesmo local, nos dias 20, 21 e 22.

DESPORTO — Em 14 de Dezembro defrontámos o Nespereira F. C., de Lousada. Um jogo bem disputado.

Estivemos sempre em vantagem, mas no fim do jogo o adversário conseguiu o empate.

No dia 21, jogámos com o Cavadas F. C., de Paço de Sousa. Também empatámos, por 4-4.

CARAS NOVAS — Chegaram mais três rapazes. Dois de Angola e um do Norte do País. Como é habitual, baptizaram-nos logo: Um, o «Azeitona»; outro, o «Reinaldo»; e um outro, de cor, é o «Edson».

Ludgero Paulo

Tojal

39 ANOS — No dia 4 de Janeiro fez 39 anos a Casa do Gaiato de Lisboa. Desde o nosso Padre Adriano, continuada pelo Padre Baptista, Padre José Maria, depois o nosso Padre Luiz (por ela também passaram o Padre Abraão e o Padre Abel), esta Casa já recebeu mais de 800 rapazes. Actualmente, somos uma comunidade de 130. Entre nós estão três senhoras que se deram totalmente à Obra. Hoje, como nunca, elas são tão necessárias...! Os pedidos de acolhimento são imensos, a maioria sem possibilidades humanas de resposta. Tantos sacrifícios, privações, firmeza e paciência..., por parte de quem é responsável. Nas nossas Casas os problemas são muitos, pois não podemos ignorar que fomos da Rua. Terão sido tudo êxitos? «Nem que seja só um a salvar-se — dizia Pai Américo — já valeria a pena». Alegremo-nos porque, graças a Deus, são mais os que se salvaram do que os que se perderam.

Que reine em nossa Casa o verdadeiro amor ao serviço do mais fraco para que possa existir harmonia e bem-estar na comunidade. Dar as mãos e olhar para o futuro com humildade, carinho e alegria, alimento indispensável no dia-a-dia, em nossa Casa. Por fim, fazemos um convite a todos os nossos amigos: Venham visitar-nos. As portas estão abertas... Se alguém quiser ficar connosco, melhor!

José Manuel dos Anjos Nunes

Vejo a Obra da Rua como inspiração divina, e Pai Américo o inspirado para valorizar os marginalizados, dar-lhes sentido à vida — que para eles seria sem rumo, vivendo sem eira nem beira, nas vielas, nos becos... Aqueles que servem à Obra da Rua dão-se totalmente, esquecendo as suas dores para mitigar as daqueles a quem servem. É nesta doação que vivemos e só nela nos sentimos felizes e realizadas.

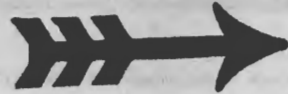
Helena

Deponho nas mãos de Deus/Toda a minha gratidão/Por procurar dar aos seus/Algo do meu coração./Sem sacrifício porém/Nada há de positivo/Mesmo o próprio amor de mãe/É na dor enriquecido.

Com as nossas insuficiências (tão difíceis de superar!) procuramos, no



Carla Patrícia, filha da Juvelina e do Quim, de Malanje.



SETÚBAL

«Nós não somos uma fábrica de apilar meninos» escreveu, algures, o Pai Américo respondendo a críticas que lhe eram feitas da parte de alguns homens religiosos, mas somos uma Casa de formação de homens cristãos desde a orgânica à desorganização. Toda a metodologia assenta no Evangelho. Uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes faz com que a educação não seja maciça mas que todos entrem no processo educativo de cada um. Todos são agentes e objecto, mas todos são assistentes.

Ora isto é Evangelho.

Também a educação religiosa entra na formação e informação dos rapazes, mas como ajuda de crescimento humano. «A Vida Espiritual é o Centro.» Faz parte do testamento de Pai Américo. É uma afirmação que

ressalta da sua experiência com a certeza de um dogma.

A vida espiritual é centro não só da vida em nossas Casas mas de toda a vida humana através da história. O homem sem vida espiritual torna-se incapaz de vencer as dificuldades decorrentes dos seus compromissos humanos. A experiência está aí, nos nossos dias e em todos os tempos a proclamá-lo em tragédias e tragédias de vidas, como em heroicidades sobre heroicidades de vitórias.

O Retiro livremente assumido e partilhado é uma oportunidade que não pode faltar anualmente nas Casas do Gaiato. Os rapazes têm tanta necessidade de aprender a reflectir e pensar por si, como de aprender a trabalhar.

A adolescência não pode ficar nos «porquês». Tem de ter

respostas certas, seguras e claras.

A juventude não pode viver de sonhos. Tem de assentar em realidades concretas e assumir compromissos.

A Fé cristã, como a Pessoa de Cristo, ilumina a vida, esclarece as interrogações, fortalece o ânimo e, impelindo-os aos grandes ideais, cria neles a força de serem homens de verdade.

Organizámos dois grupos. Primeiro, os mais velhos — os jovens. Depois, os adolescentes. Ao todo quase sessenta rapazes.

Orientou-os, com ideias reveladas e experiência feita, o nosso Padre Cristóvão. Um padre que quer ser da Obra da Rua e começa o seu trabalho no campo mais delicado e mais entusiasmante.

O local é aprazível e pró-

dia-a-dia, dar aos nossos «filhos» testemunho d'Aquele que disse: «O que fizerdes a um destes mais pequenos é a Mim que o fazeis». Esta esperança de estarmos no bom caminho ajuda-nos a compreender os que de nós se abeiram, sequiosos dum carinho de mãe — que não tiveram. Ajudá-los a receber a Cruz é uma missão que nos conforta, como cireneias dos irmãos — porventura mais fracos do que nós.

Belmira

A voz do gaiato mais antigo, em nossa Casa — o «Periquito», de 26 anos:

Vim para a Casa do Gaiato com cinco anos, devido a problemas familiares. Os meus pais eram alcoólicos...

Quando dei entrada na Casa do Gaiato de Lisboa, o nosso Padre Luiz era já o responsável. Ainda estávamos instalados no antigo palácio. A D. Virginia tomava conta de nós. Quando miúdo, dizia que gostava muito de periquitos e a malta «baptizou-me» com a alcunha de «Periquito». Tive várias ocupações: brincar, quando era «batatinha». Depois, varrer as ruas, rapar ervas e trabalhar no campo. Aprendi a profissão de carpinteiro e agora sou lubrificador numa oficina de Loures.

A Casa do Gaiato, para mim, é a minha casa — onde continuo a viver. Já são 21 anos... Vivemos os ensinamentos de Pai Américo que nos apanhou no «Lixo» das ruas para nos fazer homens verdadeiros.

«Periquito»

«CALÇADO» — As necessidades continuam. Desta vez, são os sapatos. Pela altura do Natal a quantidade de calçado que chega é grande, mas também a necessidade deles.

Nesta ocasião do ano gasta-se mais calçado, pois a água e o futebol... são factores destruidores.

Os rapazes gastam sapatos do número 12 ao número 40. O pior são uns «gigantes» que temos!

Gastam números um pouquinho maior: 42, 43 e 44, de biqueira larga! É muito difícil servi-los! Aqui vai o nosso apelo: Se os leitores tiverem, lá por casa, calçado com esses números (não quer dizer que os outros não sejam necessários) e possam oferecê-los, agradecemos de braços abertos. Obrigado.

«Pistolas»



Casamento da Helena e do António José Teixeira — da Casa do Gaiato do Tojal.

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Queremos aproveitar para contar como decorreu a Festa que organizámos para os nossos Pobres.

Foi um dia muito especial, porque tentámos com os donativos que recebemos, dar um pouco mais no Natal. Houve Missa celebrada pelo nosso Padre Telmo, a seguir uma merenda simples. No fim, prendas para os

pequenos e cobertores e comestíveis para a ceia do Natal.

A Festa foi simples, mas linda, porque organizada com muito amor. Convivemos todos como uma família unida.

Aproveitamos para agradecer a presença de duas Criaditas dos Pobres. Ao mesmo tempo agradecemos também às fábricas Josim e Afil a amabilidade que tiveram para com os nossos Pobres: venderam os cobertores ao preço de custo. Os nossos irmãos mais necessitados tiveram um Natal mais quente.

Recebemos algumas peças de roupa usada; no entanto, a quem dá, rogamos o máximo escrupulo nas remessas...

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Uma migalhinha de 5.000\$00, de Clara. Para ajuda de medicamentos, 500\$00, de Elizabeth. 10.000\$00, do Prof. Constantino, de Vila Real. Vale de 500\$00, de Maria Isaura. 6.000\$00 de Rosa. Assinante 17.698, 5.000\$00. 10.000\$00, de Maria Araújo. Assinante 27063, 1.000\$00. Anónimo, 1.000\$00. Assinante 19177, 1.000\$00. 250\$00 duma amiga. 5.000\$ de Maria Madalena. 1.000\$00 para a viúva que quer levar o filho à Comunhão, «por alma do marido». Funcionários da Companhia de Seguros Império, 3.000\$00. Presepe, dos CTT, 2.800\$00. 1.000\$00 de Joaquina Otero. 300\$00 mais roupas e brinquedos da assinante 30.177. 200\$00 de uma viúva doente com um filho atrasado, de 22 anos. 5.000\$00 do Dr. O. Castro. 1.000\$00 do sr. Floriano, reformado dos Correios; e sempre que pode vai aos Correios, de Alves da Veiga, recolher os donativos dos subscritores da nossa Conferência. Anónima, sempre com amor, 5.000\$. Anónima, 1.000\$. António, 100\$00. 500\$00 duma viúva. Cheque de 20.000\$00, de Maria Leonor. Dois sacos de massa da Moagem e Panificação do Norte. Conferência Feminina de S. Cosme. 1.000\$00. Assinante 19.109, 200\$00. Fernanda Sousa, 1.000\$00.

Casal vicentino

ximo: a Colónia de Férias da E. D. P., em Palmela.

Tudo à nossa moda. Tudo simples. Tudo pobre. A Isaura mais três rapazes asseguraram a comida e a limpeza. Nós levámos os géneros e as roupas. Ficou tudo baratinho, familiar e construtivo.

Os rapazes vieram contentes. Falando com alguns em particular, perguntava:

— Gostaste?

— Sim.

— Porquê?

— Agora tenho mais alegria! Ora aí está! Sem alegria a

vida torna-se pesada, insuportável. Com alegria tudo se vence, tudo é mais fácil.

Alegria interior, vida espiritual. Nada que envernize.

O ano passado não houve Retiro e notou-se tanto ao longo do ano! É muito difícil arranjar um padre para a gente nova.

E para a gente nova e pobre ainda é mais difícil; embora anunciar o Evangelho aos Pobres seja uma das autênticas características do Reino de Deus!

Padre Acllio

Do que nós necessitamos

Lucinda, de Sarzedas, 7.000\$, migalhas caídas em nicho da Senhora do Bom Caminho, à entrada de sua aldeia natal. De Leça da Palmeira, 500\$00, para que lhes seja dado o melhor destino. De uma qualquer Esmeralda, 1.200\$00. Lembranças para os livros escolares. Da Maria Laura e Manuel Carlos, 15.000\$00. Um abraço da sempre amiga Armandina com 50.000\$00, «que são as sobras das minhas férias». Nomes das Terras de Portugal vão passando diante de nossos olhos: Santa Luzia com 5 notas de mil; outro tanto, do Marco de Canaveses; 30.000\$00, de Alafide e Álvaro, de Braga; Espinho com duas notas de cem; cheque de 8.000\$00, de Maria Rosa; Aveiro com igual quantia. S. Romão do Coronado, 20.000\$; metade e «peço uma oração pelos meus queridos pais e por mim para que Deus me dê coragem para sofrer a doença grave que estou atravessando»; Matosinhos, 10.000\$; Afife com 10% do Totoloto; S. Vicente da Beira, 10.000\$00; do Colégio do Sardão, pelas mãos de irmã muito amiga, 5.000\$00, de uma sobrinha para a celebração do centenário do nascimento de Pai Américo; Torres Novas veio em grupo e deixou, na Capela, 8.635\$00 e muita simpatia; Aveiro com grupo de casais; Assafarge também, em carta, com cheque de 10.000\$; Espinho, de novo, com 1.500\$, do pessoal da Fosforeira Portuguesa; Travanca, Leiria, Roriz, Carrazeda de Ansiães; Castelo Branco, 10.000\$00.

Mais uma carta: «Todos sentimos a Mão de Deus na maravilhosa Obra da Rua. Ela é bem a «semente na terra fértil» que o nosso Pai Américo semeou.

Somos uma família com três rapazes ainda pequenos (15, 10 e 9 anos). Sempre tiveram o aconchego do lar, a palavra amiga dos pais que em todo o momento os ajudam a caminhar em direcção ao Pai Supremo. Mas os nossos filhos vão sabendo e sentindo que ainda existem, por esse mundo fora, muitas crianças que não podem usufruir desta alegria — pai-mãe-filhos. Que a vossa grande Família continui a ser digna do nosso apoio, amor e gratidão.

E um cheque a corroborar a beleza da carta.

Da amiga que não nos esquece, 20.000\$. E treze mil, de Lúcia. E, agora, volta o saco cheio de migalhas: 500\$, 1.000\$, 1.500\$. O Samuel manda 10.000\$00. Muito bem. 55 dólares da Maria Zulmira.

Mais uma carta. Que fazer? O espaço não chega. É de Leiria. Quem a manda é a Alice Fernanda, mais os 5.000\$00. Só este bocadinho: «Deus tem-nos estado a ajudar e há uns meses para cá que o dinheiro vai entrando e vamos satisfazendo, aos poucos, nossas dívidas que ainda são muitas! É lógico que reparta com alguém a alegria de receber, ainda que com trabalho..., e não me canso de dizer: — Obrigado, meu Deus». Vem Santo Tirso, Bremen, na Alemanha, V. N. de Gaia, Porto, muitas vezes; Anadia; Leiria, de novo; Foz com 10.000\$00; o dobro, da Póvoa de Varzim; Felgueiras; Isabel, com 50.000\$00.

Esta coluna não dá conta de tudo o que nos chegou. Tanto e de tão grande valor! A intenção posta na oferta; a mensagem que motiva o envio do donativo; tudo dava para fazer livros e livros cheios da beleza da Vida de quem escreve.

«Desculpe ser pouco, mas é uma maneira de repartir a minha pequena reforma. Mais uma vez agradeço a Deus o facto de Pai Américo me vir bater à porta reclamando a parte que devo a meus irmãos mais necessitados. Como é bom sentir que também faço parte dos que foram chamados a contribuir para esta Obra maravilhosa que é a Obra da Rua!» Que dizer? Obrigado!

Padre Manuel António

Importante

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

AQUI LISBOA!

«Necessitamos de muitos leitores d'O GAIATO. Queremo-lo marejado de lágrimas à maneira que vais lendo, sinal certo que houve compreensão. Não há olhos que melhor vejam as coisas do que os marejados.» (Pai Américo)

A Obra da Rua acaba de fazer 47 anos, no passado dia 7, e entramos no ano centenário de Pai Américo, cujas primeiras acções comemorativas tiveram lugar no pretérito dia 11, em Coimbra. Entretanto, outras iniciativas, já programadas ou

CALVÁRIO

Cont. da 1.ª pág.

De cântaro na mão, aproxima-se de nós uma senhora idosa.

— Bom dia.

— Bom dia lhe dê Deus. Este é o meu filho. Vem vê-lo?

— Venho, sim; mas estou arrepiado de o ver sem roupa alguma!

— Roupa tem ele, mas rasga-a toda. Anda sempre assim. As vezes vai neste estado pela aldeia fora.

— E ele não se constipa?!

— Não senhor.

Crianças, vindas da escola, passam rente a nós. Adultos encaminham-se para suas casas e deitam um olhar, abanando a cabeça. Parecem, contudo, habituados a isto.

— Olhe que não o deixo ir. Quero que ele fique aqui.

Que estará por detrás desta recusa? Nas entrelinhas da conversa com a mãe percebo que há interesse na manutenção da situação. Não forço a vontade da mãe, mas digo-lhe que tenho sempre um lugar para ele.

Retorno, inconformado. Primeiramente por causa do próprio rapaz. Ele é um ser humano com direito a uma vida diferente, ao respeito pela sua dignidade: Depois, a sociedade também tem o direito de não ser agredida com esta cena de despudor, sobretudo as crianças. Há que encontrar a solução. Pelos vistos a mãe está conformada passivamente. Os vizinhos incomodados naturalmente.

Confesso que nunca vi nada de semelhante, apesar de ter conhecido muitos quadros de miséria. Os teólogos terão dificuldade em provar que Cristo está aqui neste ser humano desfigurado, que passa os dias todo nu e à noite é recolhido, como os animais, nos baixos desta casa de aldeia.

Foi em Israel que Ele iniciou a Encarnação — o ser um de nós — mas os Seus não O compreenderam. E os Seus continuam a não O compreender.

Padre Baptista

a precisar, terão lugar ao longo de 1987.

Entre os legados inestimáveis deixados por Pai Américo aos seus continuadores avulta, em nosso modesto parecer, o Jornal. «O GAIATO é um semeador», escreveu o seu fundador, gerador de alegrias e de lágrimas; «O GAIATO é um compêndio» que na sua simplicidade procura, de maneira chã e objectiva, impulsionar os seus leitores nos caminhos do Bem e da solidariedade; é um «revolucionário pacífico» e um «desordeiro» que busca a harmonia, a fraternidade e o bem-estar. Os ecos que nos chegam corroboram isso tudo, transcendendo o que se possa pensar.

Pelas razões apontadas não ficará mal que, durante este ano, se ponha em evidência a importância e o significado d'O GAIATO. Não faltarão ocasiões de o assinalar e, conseqüentemente, com os seus Leitores — uma família sui-generis, mas poderosa — contribuir para a sua expansão. Aconselhar a sua divulgação e leitura será uma das nossas preocupações do ano.

Terminámos com a venda d'O GAIATO nas ruas de Lisboa, por razões de monta, expostas na altura. De resto, sozinhos, com a responsabilidade duma Casa com cerca de 130 jovens, dos 3 aos 30 anos, quando as forças declinam, dificilmente nos seria possível controlar o processo da venda, com os mais variados tipos de implicações, individuais e colectivas. Mas, porque entendemos, com Pai Américo, que «O GAIATO nasceu do púlpito e tem de continuar a vida pregando os interesses superiores do homem», havemos procu-

rado estar presentes nestas colunas, mesmo à custa dos maiores sacrifícios, às vezes sem saber o quê e o como dos nossos escritos.

Acresce ainda — e porque não dizê-lo com simplicidade? — que O GAIATO (e o mesmo se diga das edições dos escritos de Pai Américo) é o pretexto ou a ocasião para que os Amigos nos ajudem nas nossas necessidades materiais. Aliás, como devem saber, vivemos todos essencialmente do próprio trabalho e daquilo que o povo nos dá. A verdade das coisas é indispensável em todos os actos da vida e os nossos Amigos têm o direito de conhecer sem sombras ou meias palavras, como se processa o nosso agir.

Diz Pai Américo nas disposições deixadas aos padres: «As Casas fundadas ao tempo deste meu testamento e outras que porventura se venham a formar, devem gozar de uma racional independência e, quanto possível, bastarem-se. Porém jamais a multiplicação venha nunca a prejudicar a sua Unidade». Por isto mesmo, dado que as Casas são economicamente autónomas, importa que os nossos Leitores o saibam com clareza e daí tirem todos as conseqüências, remetendo para as Casas do Gaiato da zona das suas residências os quantitativos respeitantes às assinaturas ou livros recebidos. Sim, porque O GAIATO e o que Pai Américo escreveu, pertencem a toda a Obra e não a esta ou àquela Casa do Gaiato. De qualquer modo, cada um ficará sempre livre de tomar a atitude que a sua consciência lhe ditar; e estamos à vontade para dizer isto tudo porque tudo fazemos,

NOTAS DO TEMPO

Uma notazinha muito breve na sequência de outra do número derradeiro. É a que referia a simpatia dos leitores pelos nossos rapazes e o entusiasmo, por vezes um pouco desmedido, com que os contemplam em suas lembranças.

Nós somos comunidades que ultrapassam a centena em qualquer das nossas Casas, a cuja vida preside um critério de austeridade no usufruto dos bens comuns. Todos somos pobres à partida e não nos move a preocupação de preparar ninguém para a abastança. A nossa meta, agora e para o futuro, é aquela suficiência digna que permita a cada um subsistir em nível razoável e desenvolver as asas para voar, um dia, nas alturas de que for capaz.

Respeitamos sumamente a propriedade privada. Todavia, em nossas Casas, ela deve cingir-se ao mínimo, ao essencial. E, como tudo é de todos e para todos, **nosso** é o possessivo

próprio de cada um: a **nossa** quinta, as **nossas** escolas, as **nossas** oficinas, os **nossos** carros, os **nossos** campos de jogos, os **nossos** meios de diversão...

O acesso a qualquer destes bens é um direito de todos que deve ser possibilitado a cada um o mais equitativamente possível, sem as discriminações que o **meu**, em vez do **nosso**, fatalmente introduziria.

Por isso, uma vez mais, pedimos a atenção dos nossos Amigos: Sejam muito discretos nas suas ofertas aos rapazes. E, em caso de dúvida sobre a pertinência delas, não caiam no facto consumado sem uma prévia consulta. Assim nos evitam o amargo de uma desautorização e a mágoa que naturalmente vai ferir os seus amiguinhos, para quem, na sua idade tenra, é mais difícil compreender o critério de justiça distributiva que nos norteia.

Padre Carlos

como acima se acentua, para marcar a presença da Casa do Gaiato de Lisboa nestas páginas, como parte integrante da Obra que é, ou seja: a Obra é uma mas as Casas são independentes.

Vamos, dentro em breve, recomeçar a nossa romaria pelos templos da Capital, apostando com toda a nossa alma para que O GAIATO se torne mais conhecido e lido, de acordo com a frase que encima o «Aqui Lisboa» de hoje. A todos os nossos Leitores e Amigos se recomenda esta campanha: mais assinantes, mas assinantes leitores. O GAIATO «repara, denuncia, deseja, trabalha; sobretudo trabalha por uma pátria melhor». Seríamos farisaicos, porém, se disséssemos que desprezamos os valores materiais, embora sabendo que eles nos chegam por acréscimo, quanto

é certo — é o próprio Pai Américo que, nos primórdios d'O GAIATO, nos diz: «O nosso jornal já é hoje uma fonte de receita»...

Lembramos, em perfeita linha de coerência com o atrás escrito, que não desejaríamos que, fosse quem fosse, ficasse sem o nosso quinzenário por motivos de dificuldades materiais. Ele não tem preço, não há cobranças e cada um dos seus assinantes manda o que pode, se pode, quando e como quiser. É que valendo mais a alma do que o corpo, também aqui há essa prioridade vital.

A finalizar, se nos fosse permitida uma expressão emblemática, diríamos, neste ano centenário: O GAIATO em todas as famílias de boa vontade, cristãs ou não cristãs, para ser lido e compreendido.

Padre Luiz

ECOS DO NATAL

● Foi bom o nosso Natal! Em família, com alegria e em paz. Não há palavras que sejam capazes de transmitir a beleza dos gestos fraternos de tantos e tantos Amigos. Que lições admiráveis! Que cartas belas! Que o Senhor dê a todos muitas alegrias.

Nem sempre merecemos... também, dentro dos nossos muros, a multidão das nossas misérias: É nosso o menino que a mãe ensinou a dizer os mais feios palavrões e já sabia o que os homens iam fazer a sua casa. Um, que a família não quer porque rouba. Outro, que o seu bairro quase expulsou como indesejável. Dois que, neste Natal, esconderam os jornais da venda.

A senhora que nos telefonou, escandalizada com o comportamento de um, digo: — Verdadeiramente importante não é aquilo que somos, mas o desejo e o esforço para sermos melhores.

● Um dos nossos foi passar o primeiro de Janeiro com a mãe. Logo que chegou veio desabafar comigo:

— As ripas estão podres; muitas telhas partidas; e o chão... Se fôssemos lá, o senhor via.

— Pois vamos e já na próxima semana.

Enquanto criança nunca tinha reparado na casinha pobre da mãe. Agora, já homem, doi-lhe. Sinal de sensibilidade, de amor filial e de nobreza.

— Com o dinheiro que tenho... — acrescentou ele.

Não é linda uma coisa destas?! Como as rabanadas que sobram da ceia de Natal: comem-se, depois, com mais gostinho!

● O Luís é um dos nossos pequenos do Calvário. É autista. Recebe as nossas palavras e gestos e obedece. Porém, nada nos transmite por falas. Vive no seu mundo fechado. Sempre, seus lábios e olhar doce, em silêncio. No seu coração, um mundo... Vejam:

Ontem um grupo de jovens, de Esmoriz, veio visitar-nos. O Luís ficou saltitante e feliz no meio deles. Trouxeram bolos que entregámos às senhoras para a sobremesa do jantar. Como ele olhava fixamente as guloseimas — dei-lhe um bolo e rebuçados. Ficou irritado e atirou-os ao chão. Não sabemos o que se passou no seu mundo interior.

A noite, quando o encontrei, veio ter comigo, silenciosamente, encostou a cabecinha ao meu peito e abraçou-me. Comovido, perguntei:

— Não voltas a fazer?

Com o dedo estendido aceitou que não.

Toda a grandeza e profundidade de sua alma expressa num gesto de ternura! Foi o momento mais alto do meu Natal.

Padre Telmo



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel